



Visita a meu filho “hippie”

Às vezes, um filho encontra
o caminho para a maturidade

VERA HANCOCK

QUALQUER mãe deve saber que não se visita o filho de 20 anos sem avisar. Eu sei disso. Mas a conferência a que eu devia assistir foi adiada de sexta para segunda-feira, e eu fiquei com um fim-de-semana livre e reserva num vôo que passava pela cidade onde o meu filho vivia. Por que não parar lá? Tentei telefonar-lhe, mas não obtive resposta.

Durante três anos, desde que ele saíra de casa, para a universidade, eu havia feito tudo para não me preocupar com Don. Tinha tentado não

viver para ele, ou através dele, apesar de estarmos vivendo os dois sozinhos, desde que ele tinha cinco anos. Eu aproveitava a minha própria vida: trabalho, passatempos, igreja e amigos. Mas, perpassando através de tudo, como um rastro de alegria, estava Don. Tinha sido um choque quando ele deixou a universidade, depois de dois anos, e arranhou um emprego. Eu achava que ele havia de ser, senão um grande homem, pelo menos um homem importante na sua cidade. Tal como tinha sido o meu avô Bates.



Aquilo é que era um homem! Um pioneiro, que tinha fundado várias cidades no Oeste selvagem. Ele era dinâmico, forte, poderoso, capaz até de dar a própria camisa que vestia. Lembro-me de ouvir os vizinhos discutindo esse assunto quando eu tinha cerca de quatro anos. Na nossa cidadezinha não havia capela mortuária; os mortos eram velados em casa. Uma vez, quando morreu um indigente, meu avô, por acaso, viu o corpo en-

volto numa pobre mortalha. Tirou sua própria camisa de seda, e insistiu em que a usassem em vez da mortalha. Depois, imperturbável, juntou-se aos que faziam o velório, de camiseta.

Apesar de ter esperanças de produzir um homem à imagem do avô Bates, eu não disse nada disto a Don; somente observei delicadamente que, hoje em dia, se um rapaz não tinha um diploma... Mas: Ora *mamãe!*, disse Don naquele tom de voz que todo pai conhece. Não insisti. Afinal, ele tinha um emprego certo, e era um rapaz simpático, bem posto. Precisava dar-lhe tempo.

Eu já não via Don havia seis meses. Todas as vezes que telefonava, ele dizia que tinha o tempo todo ocupado com seu trabalho, e que não podia vir passar o fim-de-semana em casa. Também não me convidava a ir visitá-lo. Uma moça, pensei eu, com satisfação... e com apreensão. Mas é claro que o meu filho escolheria a moça certa. Eu não precisava de me preocupar.

Quando o meu avião aterrisou, ao meio-dia, telefonei para o escritório de Don. «Don já não trabalha aqui», informou-me uma voz doce e jovem.

Meu coração sobressaltou-se, atrapalhando-me a respiração. «Onde poderei encontrá-lo?»

«Bem», disse a voz jovem, «penso que ele pode ser encontrado na oficina de Arnie.»

Tomei um táxi. Defronte do portão da oficina de Arnie, olhei para os homens lá dentro. Um deles dirigiu-se para mim. A princípio, não

o reconheci. Em seis meses, um rapaz pode deixar crescer a barba, pode abandonar o emprego, pode deixar crescer o cabelo, pode se tornar um estranho.

Aquele era meu filho, Don. Seu cabelo crespo, crescido até abaixo das orelhas, esvoaçava ao vento. Seu rosto estava quase inteiramente escondido por uma hirsuta barba ruiva. Havia abandonado o terno e a gravata. Em seu lugar, usava um *blue-jeans* e uma camisa de trabalho, manchados de suor, cheios de óleo. Não demonstrou nenhuma alegria ao verme. Estava descontente, e desconfiado.

Seus instintos eram acertados, pois, de repente, eu tive vontade de feri-lo, de lhe bater, de gritar: «Porquê? Por que você fez isso a si próprio, e a mim? Você me traiu!» Em vez disso, sorri e disse, numa voz ligeiramente trêmula: «Alô, Don. Eu estava passando por aqui...»

«Oi», disse ele, sem entusiasmo. Eu podia sentir as perguntas rebeldes que ele não me fazia: «Por que é que você veio? O que é que você quer?»

Eu também tinha as minhas perguntas, mas também não as fiz. E assim, por todo o caminho através da cidade, no seu calhambeque, nós sorrimos e falamos, e não dissemos nada.

O apartamento de Don era uma desordem: roupas amassadas, uma lata de cerveja, sacos de batatas fritas, um violão, revistas, livros, discos, catálogos de sementes. «Isto está uma bagunça», disse ele. «Se eu soubesse que você vinha...» Tirou

uma pilha de jornais de cima de uma cadeira. «Ponha os pés aí em cima, enquanto tomo um banho de chuveiro.»

Sentei-me, e lutei furiosamente contra as lágrimas. Muito bem, eu tinha que enfrentar a realidade. Vinte anos de amor e esforço desperdiçados. Eu podia ser uma mãe moderna e auto-suficiente, mas se aquele rapaz tinha estragado a sua vida, então a minha também não era grande coisa. No entanto, se eu tivesse um ataque histerico naquele momento, nunca descobriria o que era tudo aquilo, nunca poderia ajudá-lo. Portanto, pisquei os olhos e reprimi os soluços.

Don veio do chuveiro. Parecia melhor — um pouco, não muito. Não parecia o meu filho. Meu autocontrole acabou. «Pelo amor de Deus, Don, o que é que lhe aconteceu?», desabafei, descontrolada. «O seu emprego...»

Os olhos dele fugiram dos meus. «Vou tentar explicar-lhe», disse ele. «Mas você não vai entender.»

Eu não entendi. Nada. Era o mundo, disse ele. Enlouquecido. Ferindo, matando, perseguindo as coisas materiais. A vida devia ser simples, calma, doce. Já não era mais.

«E então você se demitiu», disse eu, abatida. «Da vida, quero dizer. E se escondeu... atrás de uma barba.» Um medo gelado me agitava, como um verme nas minhas entranhas. Tudo aquilo que eu tinha ouvido e lido — drogas?

Don olhou-me furioso. «Eu sabia que você não ia entender. Até agora, fiz aquilo que todo mundo esperava

de mim. Agora tenho que decidir, sozinho, para onde vou. Mas uma coisa posso lhe dizer: não vou participar dessa corrida louca outra vez.»

«Você pretende caminhar sozinho, suponho eu?»

«Não. Não sou só eu. Existem outros.» Ele pegou num catálogo de sementes, abriu-o, e o atirou para mim. «Está vendo isto?»

Olhei para as fotografias coloridas. Tomates vermelhos, cenouras douradas. «E daí?», murmurei, sem compreender.

«Se aprendermos bastante a respeito disto, podemos alimentar um mundo faminto», disse ele calmamente. «Sem produtos químicos prejudiciais. Sem pesticidas venenosos.»

«É por isso que você perde o seu tempo naquele ferro-velho, mergulhado em óleo até as orelhas?»

«Estou aprendendo a lidar com máquinas», disse ele, com ar de dignidade ofendida. «Para a agricultura. Deve haver maneira de melhorá-la.»

«Você vai ser fazendeiro?»

«Não. Pelo menos, penso que não. Não sei. E é preciso ser *alguma coisa*? Não posso apenas *ser*?»

«Há um pequeno detalhe que se chama *ganhar a vida*.»

«Não é preciso muito para viver da maneira que estou vivendo agora. Ganho o suficiente. Faço uns biscates, de vez em quando.»

«Biscates? Os seus antepassados estão se revirando no túmulo!»

Atirou o catálogo ao chão. «Eu lhe disse que você não ia compreender!», gritou, furioso. «Eu vou fazer alguma coisa. Qualquer dia. Quando

tiver tido algum tempo para organizar convenientemente minha vida.»

A campainha da porta tocou. Ele foi abrir. Mais surpresas desagradáveis. A moça estava inteiramente confundida. Era pálida demais, de uma palidez doentia. Cabelos louros compridos, mas nem limpos nem brilhantes. Um rosto vazio, olhos vazios que não mudaram de expressão quando Don nos apresentou.

Seu nome era Carol. Ela sentou-se, emburrada, enquanto Don e eu tentávamos manter uma conversa. Agüentei enquanto pude, e depois pedi licença.

Havia um *peignoir* cor-de-rosa, pendurado atrás da porta do banheiro. O verme frio do medo nas minhas entranhas foi substituído por uma bola de chumbo ardente. Doía, doía muito.

Tentei todos os remédios habituais — lavar o rosto e os pulsos com água, baixar a cabeça, respirar fundo. Consegui me controlar, e voltei à sala. Carol tinha ido embora. Bastou um olhar para Don, e compreendi que a discussão interrompida tinha acabado. «Você está pronta para irmos jantar?», perguntou ele de modo agradável.

«Por que não comemos aqui?», sugeri eu.

«Estamos com sorte», disse ele, mostrando o caminho da cozinha. «Carol preparou um ensopado a noite passada — só é preciso esquentá-lo.»

Contemplei aquela mixórdia marrom e embolotada, e me arrepiei. «Que tal uns ovos mexidos com tomate?»

«Para mim, está ótimo.»

«Por que é que você não me disse nada a respeito de Carol?»

«De Carol? Não há nada para dizer. Ei, você não está pensando... Será que você não me conhece melhor que isso? Coitada da Carol, ela tem problemas. Precisa de ajuda. Eu tento ajudá-la. É só isso.»

Dirigi-me para a pia, com as mãos cheias de ovos. «Só isso? E então o *peignoir* dela?»

«Não é de Carol», disse ele, com firmeza. «E também não é da sua conta.»

O alívio pode ser a última gota. As lágrimas escureceram-me a vista. Tropecei, bati com o tornozelo contra uma cadeira, deixei cair um ovo. Ele, no mesmo instante, estava junto de mim, abraçando-me. «Mamãe, desculpe. Não quero magoá-la. Mas você não vê que eu tenho de encontrar o meu próprio caminho?»

Eu podia sentir a compaixão, a força, a bondade. Pensei em «Carol, coitadinha», a quem ele estava tentando ajudar. Lembrei-me da maneira com que o avô Bates me segurava, quando eu era garotinha chorona, e a força e a bondade que tinham vibrado através daquele homem. Lembrei-me, também, de algumas histórias acerca de meu avô, quando era

jovem. Ele tinha fugido de casa aos 18 anos, porque a família Bates era convencional e pretensiosa. Tinha, segundo suas próprias palavras, corrido mundo durante vários anos, antes de se fixar. Fixar? Ele, que estava sempre partindo em direção de uma nova fronteira, para construir uma nova cidade, para começar um negócio novo? E tinha alguns amigos pouco ortodoxos, também. O pobre vagabundo que foi enterrado com uma camida de seda era um entre centenas.

E Don? Seria o mesmo com ele? Seria aquele que tiraria a camisa, ou aquele que a receberia? No meu coração, eu estava triunfantemente segura de que ele iria, sem dúvida, encontrar seu próprio caminho. É claro que ele não era feito segundo os moldes convencionais, mas, mesmo assim, eu não o modificaria sob nenhum aspecto. Talvez, apenas lhe cortasse o cabelo e a barba. Mas isso viria logo; a horrenda barba hirsuta e o cabelo comprido eram simplesmente símbolos de rebeldia dos jovens de hoje.

Sorri ao meu filho. «Acho que, afinal, é melhor irmos jantar fora», disse eu.

Podíamos despertar alguns olhares, mas que importaria?



QUANDO aquele homem entrou numa barbearia, e pediu um corte de cabelo à Tony Curtis, o barbeiro raspou sua cabeça a zero. O cliente ficou lívido. «Seu estúpido! Não sabe quem é Tony Curtis?»

«Claro que sei», respondeu o barbeiro. «Vi *O rei e eu* 14 vezes.»

— B. M.